

# Lisboa: propostas para uma geocrítica aplicada

MARIA HERMÍNIA AMADO LAUREL\*

PALAVRAS-CHAVE: Lisboa, Geocrítica, Geobiografia, Cidade, Literatura, Espaço.

KEYWORDS: Lisbon, Geocriticism, Geobiography, City, Literature, Space.

Sobrepondo-se aos estudos sobre o *tempo*,<sup>1</sup> os estudos sobre o *espaço* ocupam hoje lugar de relevo na reflexão teórico-crítica que informa os Estudos Literários,<sup>2</sup> sendo recorrentes as referências ao «spatial turn»<sup>3</sup> que tem vindo a interessar os críticos desde finais do século XX. Um dos campos privilegiados sobre os quais incidem os estudos sobre o espaço é constituído pelas cartografias, na medida em que estas interrogam as relações de literariedade (e a velha questão jakobsiana não parece ter ficado resolvida) entre o texto cartográfico e o texto literário, entre o texto e a imagem. Assim, se Bertrand Westphal (2011) sublinha a credibilidade da representação do mundo proposta pelos mapas, remetendo embora para a literatura a possibilidade de criação de mundos possíveis, já Alain Milon (2012) alarga o âmbito daquela representação à configuração

---

\* Departamento de Línguas e Culturas da Universidade de Aveiro. Membro do Centro de Línguas, Literaturas e Culturas da mesma Universidade (CLLC – 2014).

<sup>1</sup> Recordem-se, entre outros, os estudos fundadores de Jean Pouillon, *Temps et roman*, Gallimard, coll. Tel, 1993 [1946] ou, já no quadro dos estudos sobre a narratividade, os três tomos de Paul Ricoeur, respectivamente *Temps et récit 1*. (1983), *Temps et récit 2. La configuration du temps dans le récit de fiction* (1984) e *Temps et récit 3. Le temps raconté* (1985), publicados por Le Seuil.

<sup>2</sup> Não pretendendo ser exaustivo, o texto introdutório que redigi para este volume aponta algumas das orientações destes estudos na actualidade.

<sup>3</sup> Clément Lévy atribui a origem da expressão ao geógrafo americano Edward W. Soja, na obra *Thirdspace: Journeys to Los Angeles and Other Real-and-Imagined Places*, Oxford-Malden (Mass.), Blackwell, 1996: 169 (*apud* Lévy, 2014: 128, n. 77).

de novas fronteiras que redimensionam a «geometria do espírito»<sup>4</sup> (mais do que a do «espaço») dos leitores que os percorrem.

Desenhar uma cartografia literária de Lisboa é uma tarefa que nos convida, na esteira de Milon (2012), a situar essa cidade no processo do seu próprio desenhar da nossa paisagem mental: a cidade compõe o seu «mapa indefinível» à medida que se dá a escrever e a ler,<sup>5</sup> num mútuo comprometimento, que José Cardoso Pires tão bem sentiu: «sem cumplicidade com a imagem, com os saberes, os gostos e os defeitos dum mundo tão privado como o teu ninguém aprende a vivê-lo» (Pires, 1997: 13). É esse «mapa indefinível» de Lisboa que o narrador de *Requiem: uma alucinação*, de António Tabucchi cartografa, na primeira pessoa, nesse «onirodrama» ficcional cuja escrita o romancista, tão próximo de Pessoa, apresentou como uma «vagabundagem» (Tabucchi, 2012: 127-154), apesar da proximidade, quando não coincidência, entre os espaços da cidade citados no romance e os espaços referenciais para os quais aqueles reenviam.

Por outro lado, o espaço de qualquer cidade é também o espaço que ela própria foi delineando no decurso da sua própria história.

Leitor de Deleuze e de Guattari,<sup>6</sup> Bertrand Westphal insiste sobre a necessidade «fundamental» «de voltar a situar o espaço [...] numa perspectiva temporal» (Westphal, 2011: 232), retomando a tese que já enunciara em 2007, no livro *La Géocritique: réel, fiction, espace*, segundo a qual a análise «do impacto do tempo sobre a percepção do espaço [constitui] um dos pontos-chave da análise geocrítica» (Westphal, 2007: 223).

A biografia de uma cidade, ou melhor, a sua geobiografia,<sup>7</sup> dá assim sentido ao espaço em que a cidade se espraia. A geobiografia oferece-se,

---

<sup>4</sup> Todas as traduções de citações são da nossa autoria.

<sup>5</sup> A noção de «paisagem literária» é comumente utilizada pelos estudiosos da cidade ao abordarem as suas múltiplas formas de representação, nomeadamente os processos criativos que lhe conferem identidade. Como se pode ler em Queiroz, «paisagem é o conceito que estrutura a obrigatória discussão sobre o papel do sujeito na construção de ideias e imagens do meio envolvente» (2012: 124).

<sup>6</sup> Em artigo introdutório ao seu próprio pensamento sobre «a abordagem geocrítica dos textos», Westphal situa as suas referências filosóficas, nomeadamente Deleuze et Guattari, em *Mille Plateaux* (1980), e as suas propostas teóricas sobre a complexidade da abordagem dos espaços humanos (Westphal, 2000: 14).

<sup>7</sup> V. a importância concedida à estratigrafia (conceito westphaliano) histórica e biográfica georreferenciada que informa os recentes estudos sobre a cidade de Lisboa publicados, respectivamente, por Magda Pinheiro (2011) e por Luísa Braz de Oliveira (2013).

no enquadramento teórico-crítico westphaliano da geocrítica,<sup>8</sup> como uma metodologia que suscita, obrigatoriamente, o contributo da literatura. Bastaria recordar que, tal como a enunciou Bernardo Soares, «a literatura [...] é a arte casada com o pensamento» e que «o romancista é todos nós, [que] narramos quando vemos, porque ver é complexo como tudo» (Soares, 1982: 520).

Privilegiando o nível estratigráfico da análise, dado que «nenhuma cidade se mostra na pura actualidade» e que «o espaço [...] reactiva as camadas sobrepostas do passado à medida que se desvenda» (Westphal, 2006: 9) proponho-vos um percurso geobiográfico de Lisboa, situado *grosso modo* entre a epifania da modernidade (uma modernidade que se inaugura, no caso português, com a conquista de Ceuta, em 1415, primeiro *acontecimento* da epopeia marítima, e que se concluiria por volta de 1975), e a independência dos territórios de *além-mar*, em consequência da qual as literaturas em língua portuguesa europeia e africana inauguram o período pós-colonial e determinam, na contemporaneidade, o «spatial turn» da nossa literatura. Proponho-vos considerar Lisboa – tanto pela sua história como pela sua localização – como uma cidade de chegada e de partida, de passagem e de regresso.

## 1. A cidade de chegada e de partida

Foi certamente devido a esta dupla condição que Pessoa compôs um guia de Lisboa, tal metonímia do país,<sup>9</sup> constituindo o guia (qualquer guia), em meu entender, um dos domínios privilegiados para o alargamento da noção de cronótopo ao universo ficcional, para além do domínio específico enunciado por Bakhtine:<sup>10</sup> cada guia propõe o que de único e de subjectivo existe numa cidade, sendo que a sua paisagem pode ser considerada, segundo Michel Collot, «como um fenómeno que nem é uma pura representação nem uma simples presença, mas o resultado do encontro entre um mundo e um ponto de vista» (Collot, 2011: 18).

---

Propomos o conceito operatório de geobiografia da cidade neste enquadramento metodológico.

<sup>8</sup> Desenvolvido na sua obra fundadora, *La géocritique: Réel, fiction, espace* (2007).

<sup>9</sup> Um guia primeiramente pensado pelo poeta, em 1925, como devendo integrar um projecto mais vasto: *Tudo sobre Portugal*.

<sup>10</sup> Clément Lévy, numa publicação recente, *Territoires postmodernes: Géocritique de Calvino, Echenoz, Pynchon et Ransmayr*, interroga-se precisamente sobre a reintrodução da noção de cronótopo no contexto da ficção postmoderna (2014: 134-137).

Na noção de guia se desenha o destino de Lisboa, desde a sua entrada na modernidade até aos dias de hoje: Pessoa compreendeu-o bem, ao acolher o viajante «qui arrive par la mer» (Pessoa, 1995: 15)<sup>11</sup> num espaço emblemático da cidade – o cais da Rocha do Conde de Óbidos. O programa da visita de Pessoa não difere muito do programa proposto por outros autores que, aliás, viajaram bem mais do que o poeta, não obstante o seu regresso da África do Sul conter em si mesmo todas as viagens possíveis; é o caso nomeadamente de Valery Larbaud, que jamais terá cruzado Pessoa, não obstante ter permanecido em Lisboa nos primeiros meses do ano de 1926, e que, conforme se lê na sua «Lettre de Lisbonne à un groupe d'amis», se passeou por Lisboa seguindo as sugestões do tomo I do Guia de Portugal,<sup>12</sup> «Lisboa e os seus arredores», «redigido por reputados escritores e especialistas» (Oliveira, 2013: 724).<sup>13</sup>

Regressemos porém aos cais de Lisboa, a essas enseadas do Tejo que assistiram à largada das caravelas, e ao seu regresso, a esses cais defronte dos quais se cumprem as funções geopolíticas do espaço urbano, funções de entre as quais a de *fronteira* é sem dúvida uma das que mais interessaram os escritores, na medida em que delimita, no mesmo espaço, o espaço e o tempo da chegada e o espaço e o tempo do regresso.

É precisamente esse tempo e espaço de fronteira que caracteriza a experiência vivida pelos heróis de Volodine no romance *Lisbonne, dernière marge*. Aqui se articula o espaço do fechamento, da perseguição com o da possibilidade de evasão, de fuga, que Lisboa oferece ao par inverosímil formado por Kurt Wellenkind, o polícia que escolta Ingrid Vogel e se torna seu amante cúmplice, e a jovem, perseguida criminalmente por terrorismo urbano, que aguarda em Lisboa a sua partida para um exílio sem retorno, ao preço do apagamento da sua identidade sob todas as outras falsas identidades que está condenada a assumir. Uma Lisboa que seduz Ingrid, com os «seus habitantes dos anos trinta [...], a sua atmosfera de Atlântida passiva, de cidade mediterrânica transplantada, condenada, por um mau esconjuro, à não-exuberância e ao mastigar anacrónico das suas lembranças» (Volodine, 1990: 13), mas uma Lisboa também cidade de fronteira – lugar simultaneamente de libertação e de castigo – que se abre para um mundo desconhecido, anunciado por um «barco de pequena dimensão,

---

<sup>11</sup> Citamos a edição francesa que consultámos.

<sup>12</sup> Deve-se a Raúl Proença, funcionário da Biblioteca Nacional até ao seu exílio em Paris, em 1927, a iniciativa da criação do *Guia de Portugal*.

<sup>13</sup> Carta reproduzida por Oliveira, 2013: 723-730.

com um duvidoso pavilhão holandês» que em breve iria acostar à doca de Alcântara, à sua espera (Volodine, 1990: 10).

A conotação política da fronteira subjaz ainda ao romance de Pascal Mercier *Comboio Nocturno para Lisboa*,<sup>14</sup> uma das mais recentes e apreciadas obras estrangeiras em que Lisboa ocupa lugar de relevo. Tal palimpsesto que é folheado por Raimund Gregorius ao longo de um paciente processo de reconstrução da vida do médico Amadeu de Prado, falecido em 1975 em Lisboa, é todo o espaço da cidade marcado pelo período do Estado Novo, dos seus agentes e daqueles que, como o referido médico, ousaram resistir ao regime, que este romance vai subtilmente edificando, na evocação estratigráfica de lugares e tempos históricos de uma Lisboa que acompanha até à actualidade, e dos quais ainda hoje a cidade é herdeira. Deslocando o espaço do cais marítimo inicial para o espaço do cais de uma estação de comboios, onde chega e de onde partirá Gregorius, situada aliás face ao Tejo, a estação de Santa Apolónia, a evocação da Lisboa do Estado Novo é sensível neste romance, nas suas profundas tonalidades nocturnas, nas suas ruelas labirínticas pelos bairros antigos da cidade, nas suas sonoridades, nas suas praças públicas, nos seus jardins e miradouros, imprevisivelmente percorridos pelos agentes da autoridade de então, ensimesmados nas missões persecutórias a cumprir, e nos dias do herói, Amadeu de Prado, que Raimond Grégorius procura reconstituir, ao ritmo das suas reflexões sobre o sentido e a fragilidade da vida, num romance que se revela também – pela deslocação espaço-temporal a que submete o seu narrador, numa precipitada viagem de Berna para Lisboa – como uma ocasião para um exercício comparativo de autoconhecimento de si próprio (e onde se vislumbra ainda a sombra de Pessoa).

Esses cais interpelam as funções geopoéticas da cidade, cadenciadas pelas deslocações dos seus transeuntes, daqueles que a atravessam por motivos vários ou que, simplesmente, por ela se passeiam; Lisboa é, «acima de tudo», como diz José Cardoso Pires, um espaço onde «há a voz e o humor, o tom e a sintaxe, aquilo que [lhe] está, cidade, mais no íntimo» (Pires, 1997: 12).

*Lisboa, livro de bordo* oferece aos seus leitores um dos mais belos itinerários de Lisboa, no qual se projecta todo um proto-texto<sup>15</sup> pessoal do romancista,

---

<sup>14</sup> Original publicado em alemão em 2004, por Pascal Mercier, pseudónimo do filósofo suíço Peter Bieri. Tradução francesa em 2006, e portuguesa em 2008. Best-seller, este romance foi traduzido em cerca de 15 línguas; versão cinematográfica em co-produção alemã, portuguesa e suíça pelo realizador Bille August, 2012.

<sup>15</sup> Propomos traduzir provisoriamente por proto-texto a noção de «arrière-texte» estudada por Alain Trouvé no contexto da sua reflexão sobre a leitura, in Marie-Madeleine Gladieu,

mas também dos seus leitores (Gladieu *et al*, 2013) - entendendo-se o proto-texto como o inconsciente que configura os contextos múltiplos que cada escritor e cada leitor anunciam, perceptível para além dos referentes intertextuais - e, neste livro, através da mais ténue referência a uma Lisboa desaparecida, como aquela em que o escritor nasceu e que recorda num crescendo de pormenor, ele que

por acaso até [é] de Arroios [...] mais precisamente, da lisboníssima freguesia de São Jorge, 4.º bairro fiscal, ou, mais precisamente ainda, duma janela de infância voltada para uma igreja que já não há e para um largo de bêbados dormentes, saltitados por pombinhas maneirinhas. (Pires, 1997: 13).

de uma Lisboa que outros também cantaram, escreveram, pintaram, e a que outros dão vida, todos os dias, conferindo-lhe uma lisibilidade a que a aproximação da morte conferirá o seu sentido mais pleno, na abolição de fronteiras entre a paisagem e aquele que a vê, e que se salda, em José Cardoso Pires, na perfeita comunhão entre o escritor e a cidade:

Quando por fim fechamos a página onde líamos a cidade, descobrimos que a vidraça do café está toldada por uma dança de gaivotas em turbilhão e que não há Tejo. Que desapareceu por trás duma desordem de asas e já não é prenúncio de oceano.

Então, ternamente, confiadamente, reconhecemo-nos ainda mais ancorados à cidade que nos viu partir. (Pires, 1997: 117).

Esses cais viram a largada das caravelas, mas foi também sobre esses cais que se alongou o olhar do Velho do Restelo, temeroso perante os «novos desastres» (Camões, 1971: Canto IV, 97, 155). que ameaçavam os Portugueses na empresa dos Descobrimentos; foi desse espaço que partiram essas outras caravelas, ao longo dos anos 1960 e 1970 até ao derradeiro retorno, encerrando definitivamente uma era e, com ela, os seus mitos identitários. Leia-se, sobre a partida do jovem miliciano para Angola, o testemunho pessoal de António Lobo Antunes, numa das suas primeiras obras publicadas,<sup>16</sup> testemunho de uma experiência marcante, que atravessa toda a obra futura do autor:

---

et al., 2013, tendo em conta o inconsciente espacio-temporal que todo o texto projecta aquando das suas leituras.

<sup>16</sup> O autor publicou as obras *Memória de Elefante* e *Os Cus de Judas* no mesmo ano, 1979, ambas marcadas pela sua experiência de guerra em Angola.

De modo que quando embarquei para Angola, a bordo de um navio cheio de tropas, para me tornar finalmente um homem, a tribo, agradecida ao Governo que me possibilitava, grátis, uma tal metamorfose, compareceu em peso no cais, consentindo, num arrobo de fervor patriótico, ser acotovelada por uma multidão agitada e anónima semelhante à do quadro da guilhotina, que aí vinha assistir, impotente, à sua própria morte (Antunes, 1979: 16).

## 2. A cidade de passagem

Durante a Segunda Guerra mundial Lisboa torna-se o que muitos autores identificaram como uma cidade de passagem, «a grande sala de espera da Europa», nas palavras da escritora suíça Anne-Marie Schwarzenbach, em trânsito em Lisboa em 1941, numa das suas múltiplas viagens, desta vez de regresso dos Estados Unidos para a Europa (Schwarzenbach, 2004: 45). Os flagelos que acompanham a história das cidades e cujos contornos de imprevisibilidade e de crueldade Albert Camus tão bem retratou na obra que publica em 1947, metaforicamente intitulada *A peste*, não pouparam Lisboa: cidade torturada pelas perseguições inquisitoriais ao longo de quase trezentos anos, seria parcialmente destruída em 1755, e alvo cobiçado nos primeiros anos da década de 1940. Entre outros nomes das letras europeias que pela cidade passaram, por esses anos, citaremos o de Antoine de Saint-Exupéry, o escritor-aviador, que presentiu o perigo iminente ao aterrar em Lisboa em Dezembro de 1940, em trânsito para o seu exílio norte americano, curiosamente transportado num avião a quem fora dado o nome de um dos pioneiros<sup>17</sup> da travessia área do Atlântico Sul, Gago Coutinho. A abrir o volume, descreve uma cidade que se debate perante sentimentos e atitudes contraditórias, onde, na altura, se: «falava muito de uma invasão iminente, e Portugal se agarrava a uma ilusão de felicidade» (Saint-Exupéry, 1944: 11).

Lisboa cuida das suas defesas, respondendo às tendências nacionalistas da época: desde 1938 que os planos para a organização de uma grande exposição nacional ocupavam o Governo de Salazar, tendo o ditador convocado grande número de artistas reconhecidos para as múltiplas tarefas que a Exposição do Mundo Português exigia. Erguer-se-ia de Junho a Dezembro de 1940 no vasto espaço defronte do Mosteiro dos Jerónimos, doravante designado por

---

<sup>17</sup> Sendo piloto Sacadura Cabral, a primeira travessia aérea entre Lisboa e Rio de Janeiro realizou-se em 1922.

Praça do Império. Os preparativos para esse projecto, que se queria grandioso, levaram a grandes modificações na tela urbanística contígua, nomeadamente no espaço dos cais de Lisboa. É precisamente a um dos poetas maiores do movimento modernista português que se deve a celebração de Lisboa como cidade de passagem e de encontro de culturas, como cidade que urgia projectar internacionalmente em defesa do próprio regime político; foi a esse criador incomparável que o Governo de então encomendou a reabilitação dos cais de Lisboa, entre 1946-48: a Almada Negreiros, o pintor da Lisboa literária que haveria de retratar alguns anos mais tarde em Fernando Pessoa, evocadoramente sentado a uma mesa do café Martinho da Arcada,<sup>18</sup> ou ainda nos painéis incisos do pórtico da Faculdade de Letras de Lisboa, em 1961, verdadeiro fresco da literatura europeia e portuguesa.

Duas facetas emergem da Lisboa de então. Por um lado, a cidade que celebra o seu orgulho nacional e que acredita, ao fazê-lo, defender-se da ameaça que sente inelutável. Exclama Saint-Exupéry ainda na mesma carta que temos vindo a referir: «Lisboa em festa desafiava a Europa: ‘Poderão tomar-me como alvo quando eu faço os possíveis para não me esconder! Quando fico tão vulnerável!...’» (Saint-Exupéry, 1944: 12). Lisboa atrai escritores curiosos em conhecer o país e que partilham os ideais nacionalistas do regime. Foi o caso do escritor suíço Gonzague de Reynold, convidado a visitar Lisboa por António Ferro,<sup>19</sup> que recorda as suas conversas com Salazar nas suas *Mémoires* do período compreendido entre 1958 e 1962 (Reynold, 1963).<sup>20</sup>

Para além das impressões que tece sobre a figura do ditador, que admira, e que impregnam as suas memórias, interessa-nos aqui registar a sedução que sobre o escritor exerceu a luminosidade da cidade, ao longo de um discreto percurso de táxi na companhia de Salazar: «Sobranceamos Lisboa. Vislumbra-se, à luz do crepúsculo, o Tejo ainda luminoso lançar-se no Oceano entre dois faróis. Vermelho e ouro, a luz é esplêndida. Uma grande nuvem em tons de castanho violeta abre-se no horizonte» (Reynold, 1963: 566).

<sup>18</sup> Almada Negreiros, que havia já tratado o tema em 1954, voltará ao *Retrato de Fernando Pessoa* em 1964, em encomenda da Fundação Calouste Gulbenkian.

<sup>19</sup> Recorde-se que António Ferro, director do Secretariado da Propaganda Nacional, organismo criado por Salazar que daria origem, no pós-guerra, ao Secretariado Nacional de Informação, integrou a Delegação Portuguesa em Berna após 1949.

<sup>20</sup> V. «Salazar et le Portugal», t. III, 3<sup>e</sup> partie «Action internationale», chap. XXII.

Mas Lisboa é também a cidade que acolhe os exilados que a ela acorrem da Europa em guerra, na sua maior parte anónimos, outros, pelo contrário, com nomes sobejamente conhecidos, entre os quais: Hannah Arendt ou Marc Chagall, Marcel Duchamp ou Max Ernst.<sup>21</sup> Lisboa torna-se uma cidade que chega a inspirar mesmo aqueles que nunca por ela passaram, como Erich-Marie Remarque, que situa a acção do seu romance *La nuit de Lisbonne* na Lisboa de 1942, ou aqueles que nela permaneceram durante curtas estadias, como foi o caso de Annemarie Schwarzenbach, a escritora suíça acima referida, nas breves pausas de viagens que a conduziram entre a Europa, África e os Estados Unidos nos anos de 1940-42, para quem, como para muitos europeus contemporâneos, Lisboa era «o último porto livre da costa atlântica europeia» (Schwarzenbach, 2004: 45). Dá conta dos seus projectos e preocupações à sua amiga Ella Maillart, outra grande viajante, em carta datada de 11 de Janeiro de 1942: «Talvez volte a Portugal, para viver no campo, quiçá em casa do pintor Edmond Bille<sup>22</sup> – e para me pôr em contacto com a mentalidade e os problemas que nos esperam na Europa» (Schwarzenbach, 2004: 14).

### 3. A cidade do regresso

Lisboa torna-se então cidade do regresso. De um retorno, tal sonho acalentado pelos exilados que esperam poder deixar Lisboa nos navios que se dirigem para os Estados-Unidos, e para quem, nas palavras ainda de Saint-Exupéry, «o essencial é viver para o regresso» (Saint-Exupéry, 1944: 39). Do apagamento identitário que sofreram devido à desterritorialização a que foram forçados nos dá conta este autor, ao considerar que mais do que bens materiais, era a sua própria «densidade» que eles tinham perdido nesse processo (*ibidem*: 37).

Experiência do exílio entendida como a «verdadeira viagem», viagem que se faz «para fora de si» (*ibidem*), para a qual Alexis Nuselovici criou o neologismo «exilance»,<sup>23</sup> referindo-se à invenção de novas territorialidades que

---

<sup>21</sup> Para um melhor conhecimento da Lisboa deste período vd. Pinheiro, 2011, p. 13.

<sup>22</sup> Pai da romancista Corinna Bille (1912-1979).

<sup>23</sup> Mantemos a expressão no original, em língua francesa, tal como a ouvimos ao autor, na conferência «Lieux et non-lieux de l'exil», proferida a na Faculdade de Letras da Universidade do Porto, por ocasião do Congresso Internacional «De idas e regressos: declinações da viagem», em Novembro de 2013.

se sobrepõem às espacialidades existentes, e desenham cartografias de temporalidades singulares inscritas em regimes de historicidade próprios.<sup>24</sup>

A cidade do regresso pode também remeter, por outro lado, para um regresso nunca dantes sonhado. Uma outra Lisboa surge a partir de 1975, cuja imagem de cidade do exílio revela os contornos de opções políticas de consequências trágicas: a Lisboa dos «retornados», daqueles que nunca a demandaram e a que ela se vêm forçados.<sup>25</sup> Descubrem-na então como espaço de reinício de vida, herdeiros improváveis da utopia portuguesa, herdeiros daqueles mesmos que haviam, sem disso se terem dado imediatamente conta, inaugurado a mundialização, estabelecendo laços que o extraordinário «Coche dos oceanos» immortalizou, ao celebrar a união entre o Oceano Atlântico e o Oceano Índico<sup>26</sup> que a viagem do Gama tornou possível.

Reflectindo sobre o dealbar da pós-modernidade (uma pós-modernidade cujas balizas temporais europeias propostas no livro *Le monde plausible* não coincidem exactamente com a realidade histórica portuguesa), Bertrand Westphal propunha já em 2000 «articular a literatura em torno das suas relações com o espaço, promover uma *geocrítica*, poética cujo objecto seria não tanto a análise das representações do espaço em literatura como a análise das *interacções* entre espaços humanos e literatura, e um dos principais desafios contribuir para a determinação /indeterminação das identidades culturais» (Westphal, 2000: 17).

O descentramento europeu constatado pela reflexão sobre o espaço literário – que o conceito de literatura-mundo valoriza (World Literature) no contexto do «spatial turn» contemporâneo – tende a relativizar a hegemonia ocidental e a promover o hibridismo cultural. Pela noção de «mundo plausível», proposta em 2011, Bertrand Westphal convida-nos a considerar um novo «horizonte», delineado pela «forma irregular do puzzle espacial que caracteriza o planeta, a sua história e a sua actualidade», e a reconhecer que um «mundo plausível

---

<sup>24</sup> Vd. [http://halshs.archives-ouvertes.fr/docs/00/86/12/43/PDF/FMSH-PP-2013-09\\_Nuselovici.pdf](http://halshs.archives-ouvertes.fr/docs/00/86/12/43/PDF/FMSH-PP-2013-09_Nuselovici.pdf), consultado em Dezembro de 2013.

<sup>25</sup> Entre a ficção recente sobre a temática dos «retornados», vd. *Os Retornados: um amor nunca se esquece*, de Júlio Magalhães, A Esfera dos Livros, 2008; *O retorno*, de Dulce Maria Cardoso, Tinta da China, 2012/*Le retour*, Stock, 2014; *Os retornados mudaram Portugal*, de Fernando Dacosta, Parsifal, 2013.

<sup>26</sup> Esta carruagem, com alçado em magnífica talha dourada, integrava a embaixada portuguesa enviada pelo rei D. João V a Roma, junto do Papa Clemente XI, em 1716.

anunciaria a morte das reivindicações hegemónicas do Ocidente» (Westphal, 2001: 17).

Problemática que a localização espacial e histórica contemporânea de Lisboa conjuga, em horizontes fluídos, em permanente mobilidade: consequência da entrada de Portugal na União Europeia, em 1986, Lisboa volta a estar entre a Europa e o oceano; abrindo-se à Europa e virando-lhe as costas, como bem analisou Eduardo Lourenço no livro *Nós e a Europa ou as Duas Razões*,<sup>27</sup> ao considerar que «le siècle qui voit les Portugais se répandre des deux côtés de l'Atlantique et accaparer le commerce des épices, est notre siècle le plus européen» (Lourenço, 1988: 43).

## Bibliografia

- ANTUNES, António Lobo (1979), *Os Cus de Judas*, 7.<sup>a</sup> ed.
- COLLOT, Michel (2011), *La pensée paysage*, Arles, Actes Sud.
- GLADIEU, Marie-Madeleine, Jean-Michel Pottier et Alain Trouvé (2013), *L'arrière-texte : pour repenser le littéraire*, Bruxelles, Bern, Berlin, Frankfurt am Main, New York, Oxford, Wien, Peter Lang, ThéoCrit, vol. 8.
- LÉVY, Clément (2014), *Territoires postmodernes : Géocritique de Calvino, Echenoz, Pynchon et Ransmayr*, préface de Bertrand Westphal, Rennes, Presses Universitaires de Rennes.
- LOURENÇO, Eduardo (1988), *Nós e a Europa ou as Duas Razões*, Lisboa, Imprensa Nacional-Casa da Moeda.
- MERCIER, Pascal (2006), *Train de nuit pour Lisbonne*, Paris, Maren Sell Éditeurs.
- MILON, Alain (2012), *Cartes incertaines. Regard critique sur l'espace*, Paris, Encre Marine .
- MONTANDON, Alain (ed.) (2006), *Lisbonne : géocritique d'une ville*, Clermont-Ferrand, Presses universitaires Blaise Pascal.
- OLIVEIRA, Luisa Braz de (coord.) (2013), *Lisbonne: histoire, promenades, anthologie & dictionnaire*, Paris, Robert Laffont, coll. Bouquins.
- PESSOA, Fernando (1995), *Lisbonne*, Éditions Anatolia, coll. 10/18.
- PINHEIRO, Magda, *Biografia de Lisboa* (2011), Lisboa, A Esfera dos Livros.

<sup>27</sup> Mantemos a língua original do ensaio «L'Europe et nous», a partir da comunicação feita pelo autor no Centre européen de la culture, em Genebra, por ocasião do colóquio «Le Portugal et l'Europe: quel dialogue culturel?» (Lourenço, 1988: 39).

- PIRES, José Cardoso (1997), *Lisboa, livro de bordo. Vozes, olhares, memorações*, Lisboa, Publicações D. Quixote-Parque Expo 98, S.A..
- QUEIROZ, Ana Isabel (coord.) (2012), *Lisboa nas narrativas. Olhares do exterior sobre a cidade antiga e contemporânea*, Lisboa, FCSH/NOVA.
- REMARQUE, Erich-Marie (2013), *La nuit de Lisbonne*, Paris, Le livre de Poche.
- REYNOLD, Gonzague de (1960-1963), *Mes mémoires (1958-1962)*, Genève, Editions Générales, 3 tomes.
- SAINT-EXUPÉRY (1944), Antoine de, *Lettre à un Otage*, Paris, Gallimard.
- SCHWARZENBACH, Annemarie (2004), « Lissabon – neues Leben in einer alten Stadt ». *Die Weltwoche*, 19.3.1941, in: Vilas-Boas, Gonçalo (dir.), *Annemarie Schwarzenbach em Portugal (1941-1942)*, tradução de Maria Antónia Amarante, Coimbra, *Cadernos do CIEG*, n.º 11, p. 43-46.
- SOARES, Bernardo (1982), *Livro do Desassossego*, in: Pessoa, Fernando, vol. II, Recolha e Transcrição dos textos de Maria Aliete Galhoz e Teresa Sobral Cunha. Prefácio e Organização de Jacinto do Prado Coelho, Lisboa, Ática.
- VOLODINE, Antoine (1990), *Lisbonne, dernière marge*, Paris, Éditions de Minuit.
- WESTPHAL, Bertrand (ed.) (2000), *La géocritique, mode d'emploi*, Limoges, PULIM.
- (2000), « Pour une approche géocritique des textes », in: Westphal, Bertrand (ed.), p. 9-39.
- (2006), « Pourquoi une géocritique de Lisbonne ? », in: Montandon, Alain, p. 7-20.
- (2007), *La géocritique : réel, fiction, espace*, Paris, Les Éditions de Minuit.
- (2011), *Le monde plausible : espace, lieu, carte*, Paris, Les Éditions de Minuit.

TÍTULO: Lisboa: propostas para uma geocrítica aplicada

RESUMO: Reconhecendo o «spatial turn» como uma das principais orientações que informam os Estudos Literários na contemporaneidade, propõe-se uma abordagem do espaço literário de Lisboa, maioritariamente em escritores de língua francesa e portuguesa, a partir das propostas metodológicas da geocrítica westphaliana.

TITLE: Lisbon: A Few Guidelines Towards an Applied Geocriticism

ABSTRACT: Recognizing the «spatial turn» as one of the main guidelines that inform the literary studies in contemporary times, we propose an approach to the literary space of Lisbon, mostly in French and Portuguese-language writers, from the methodological proposals of westphalian geocriticism.

Data de recepção / date of submission: 10.2014

Data de aceitação / date of acceptance: 11.2014